

O MOMENTO DA MORTE: O JUÍZO PARTICULAR

«A morte é o que temos de mais certo» refere o ditado português. É um facto, mas daí a conseguir pensar na morte vai um grande passo. Mesmo que se tente, nem sempre se consegue. Tudo porque o cérebro tem um mecanismo de defesa que nos protege do medo existencial da morte. O cérebro, de qualquer forma, tenta proteger-nos de pensamentos sobre a nossa da morte. Porquê? Porque é crucial não pensar na morte para vivermos no presente.

A proteção pode ser ativada no início da vida à medida que as nossas mentes se desenvolvem e percebemos que a morte chega a todos, até a nós. Este pensamento contrasta com o nosso organismo biológico, o qual luta para nos manter vivos. Esta breve introdução indica que dentro de nós existe a noção da imortalidade porque Deus nos criou para a vida e não para a morte. Segundo a fé cristã, a morte física é uma passagem para entrar na vida definitiva:

«Sabemos, com efeito, que, quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda, for destruída, temos uma habitação no Céu, obra de Deus, uma casa eterna, não construída por mãos humanas... Portanto, estamos sempre confiantes e conscientes de que, permanecendo neste corpo, vivemos exilados, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão... Cheios dessa confiança, preferimos exilar-nos do corpo, para irmos morar junto do Senhor. Por isso também, quer permaneçamos na nossa morada, quer a deixemos, esforçamo-nos por lhe agradar. Com efeito, todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba conforme aquilo que fez de bem ou de mal, enquanto estava no corpo». (cf. 2Cor 5,1-10)

O juízo particular. O homem, no momento em que termina a sua vida neste mundo, sela a sua existência para a eternidade, segundo o que tem sido «enquanto estava no corpo»: «estes (os injustos) irão à tortura eterna, os justos em vez à vida eterna» (Mt 25,46).

O destino eterno constitui um apelo urgente à conversão: «Entrai pela porta estreita, pois larga é a porta e espaçoso o caminho que levam à perdição e muitos são os que seguem por eles. Que estreita é a porta e apertado o caminho que levam à vida e como são poucos aqueles que os encontram!» (Mt 7, 13-14)

«Como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, segundo a recomendação do Senhor, vigiemos continuamente, a fim de que, no termo da nossa vida terrena, que é só uma, mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os benditos, e não sejamos lançados, como servos maus e preguiçosos, no fogo eterno, nas trevas exteriores, onde "haverá choro e ranger de dentes"» (Lumen Gentium, 48).

A Igreja implora a misericórdia de Deus, *«que não quer que ninguém pereça, mas que todos se convertam»* (2 Pe 3, 9): *«Aceitai benignamente, Senhor, a oblação que nós, vossos servos, com toda a vossa família, Vos apresentamos. Dai a paz aos nossos dias livrai-nos da condenação eterna e contai-nos entre os vossos eleitos»* (Oração Eucarística 1ª - 635).

(padreleo.org)